

Pereira, B. O., Neto, W. B., Zequinão, M. A., & Silva, I. P. (2015). Prevenção do Bullying no Contexto Escolar: Implementação e Avaliação de um Programa de Intervenção. In P. Pereira, S. Vale, & A. Cardoso (Eds.), Livro de Atas do XI Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde (SIEFLAS). Perspetivas de Desenvolvimento num Mundo Globalizado (pp. 535-544). Porto: Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico do Porto.



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Centro de Investigação
em Estudos da Criança (CIEC)



Professora Doutora

Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira Pereira (Pereira, Beatriz)

Category: Full Professor

Institution: Universidade do Minho (UMinho)

Email: beatriz@ie.uminho.pt

Online CV: <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=2030897209377539>

Prevenção do Bullying no Contexto Escolar: Implementação e Avaliação de um Programa de Intervenção

Beatriz Oliveira Pereira; Waldemar Brandão Neto; Marcela Almeida Zequinão; Inês Peixoto Silva

IE, Universidade do Minho (UM), Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), Portugal;
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil

Resumo

O *bullying* é considerado uma sub-categoria de comportamento agressivo, praticado por um indivíduo ou grupo e se manifesta de forma direta ou indireta. Como fenômeno sociocultural, o *bullying* apresenta importantes repercussões, a nível do desenvolvimento infantil, sucesso escolar, auto estima, saúde mental e personalidade da vida adulta. Os primeiros programas foram desenvolvidos por Olweus e operavam numa proposta ecológica de prevenção. Este modelo tem servido de base à implementação de intervenções em países da Europa, com avaliações positivas no que se refere a redução do comportamento de *bullying*. O objetivo deste trabalho é avaliar os impactos de um programa de intervenção na redução da agressividade e vitimização no contexto escolar. Trata-se de um estudo descritivo, com desenho pré (199 alunos) e pós intervenção (208 alunos) em que numa primeira fase foi determinada os níveis do *bullying* entre os estudantes do 1º e 2º ciclos, numa segunda fase a planificação e implementação do programa, numa terceira fase a avaliação. Para a recolha dos dados foi utilizada uma versão do questionário de Olweus adaptado à língua portuguesa. Os dados foram analisados pela estatística descritiva. Os resultados relevaram que, a curto prazo, o programa produziu efeito positivo na redução da agressividade, sendo no pré (25,1%) e pós (22,8%) e da vitimização, sendo no pré (25,6%) e pós (16,4%). Foi identificado que após a intervenção os casos mais graves de agressão se mantiveram, isto revela situações específicas de crianças em risco, o que demanda amplificar a atuação do programa no encaminhamento dos casos de foro clínico/saúde mental para os serviços de saúde. Conclui-se que é possível a elaboração de um programa de intervenção que envolva toda a comunidade escolar na prevenção do *bullying*. Recomenda-se que os programas fortaleçam parcerias externas e desenvolvam a capacidade de continuidade e monitorização dos fatores desencadeadores e protetores do *bullying*.

Palavras-chave: bullying, criança, saúde escolar, prevenção

Introdução

O termo *bullying* é uma palavra de origem inglesa que designa um conjunto de ações e comportamentos agressivos exercidos por um indivíduo ou por grupos, e que envolve: bater, xingar, humilhar, extorquir dinheiro, difamar, excluir, discriminar, atos homofóbicos. Segundo Olweus (1993), Smith & Sharp (1994) o que caracteriza o bullying é o abuso sistemático de poder entre pares em um processo de agressão intencional e repetido. Segundo Pereira (2001) duas características adicionais referente ao bullying parecem estar associadas; uma primeira seriam os benefícios diretos ao agressor e a segunda a satisfação pessoal em maltratar o outro.

As vivências de bullying têm um papel relevante no desenvolvimento social pouco saudável, o que pode contribuir para desorganizar as referências institucionais das crianças, visto que começam a considerar que a escola deixa de ser um espaço de aprendizagem, vínculo e proteção. Desse modo, é importante que a comunidade escolar esteja consciente e preparada para diagnosticar, intervir e prevenir o bullying (Lourenço, Pereira, Paiva & Gebara, 2009).

O Interesse pelo tema bullying nas escolas iniciou a partir dos estudos do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega, iniciados no fim da década de 70. Esse pesquisador desenvolveu a primeira grande investigação sistemática sobre o tema, tendo publicado seus resultados na obra: *Aggression in the Schools: Bullies and Whipping Boys*. Desde então, vários estudos tem sido desenvolvidos utilizando versões adaptadas do Olweus Bullying Questionnaire (1993) e do modelo de intervenção anti bullying proposta pelo mesmo autor.

Diante dos efeitos do *bullying*, seja a médio e longo prazo, na saúde física e mental das crianças, é que os programas de intervenção devem ser tópicos nas agendas das políticas públicas e de pesquisa. Estudos longitudinais têm evidenciado que crianças e jovens como vítimas podem desenvolver depressão e como agressores o envolvimento na criminalidade durante a vida adulta, fruto de uma vivência escolar permeada por sofrimento causada pelo *bullying* (Ttofi, Farrington, Lösel & Loeber, 2011).

Pensar em propostas de intervenção não é tarefa fácil, dado o componente cultural e social implicados no fenômeno do *bullying*. No entanto, algumas características são conhecidas na literatura e podem tornar-se a base dos programas de intervenção. Em primeiro lugar, é fundamental reconhecer que o bullying é um fenômeno social, faz parte de uma determinada cultura e que reflete os aspetos do meio onde ocorre (Berger, 2007). Não é possível definir propostas de trabalho estruturadas se não se tiver em conta a realidade específica de cada escola. Daí a necessidade de avaliar o contexto escolar antes de se planejar uma intervenção (Serrate, 2009). Além disso, todo programa de prevenção do bullying deve ter por base o envolvimento de toda a comunidade educativa que é constituída por alunos, professores, funcionários, pais e outros elementos da comunidade local (Olweus 1993, Smith & Sharp 1994, Pereira 2008, Macedo et al 2014).

O Programa de Prevenção de Bullying de Olweus (Olweus Bullying Prevention Program – OBPP), criado por Dan Olweus na década de 80 opera numa perspectiva ecológica de prevenção envolvendo toda a comunidade escolar e comunitária, com o objetivo de reduzir os problemas de bullying na escola e fomentar melhores níveis de relacionamento entre os colegas. Os componentes específicos deste programa, incluem diferentes níveis de atuação: a escola, a sala de aula, o indivíduo e a comunidade (Olweus & Limber, 2010; Limber, 2011).

Avaliações sistemáticas do OBPP levadas a cabo por Olweus (2004), Olweus, Limber & Mihalic (1999) evidenciaram reduções satisfatórias na vitimização e melhora no clima da sala de aula e relacionamento entre pares. Os resultados desses estudos constataram, nas escolas norueguesas participantes do Projeto Oslo de Combate ao Bullying que envolveram 2.300 alunos do ensino fundamental, reduções dos índices de vitimação em média 42% (sendo 33% entre meninas e 48% entre meninos) e os relatos de testemunhas em média 52% (sendo 64% entre as meninas e 45% entre os meninos).

O modelo do projeto tem servido de base à implementação de intervenções em vários países do mundo. Diversos programas antibullying passaram a surgir em meados dos anos 90, com características próprias do contexto local ou regional, contudo, muitos deles, respeitando os princípios trabalhados por Olweus. Na Europa países como Inglaterra, Portugal e Espanha vem contribuindo consideravelmente com o desenvolvimento de modelos de intervenção na prevenção do bullying. Países que possuem uma grande dimensão territorial, como o Brasil onde as prevalências do bullying são alarmantes, os estudos e projetos de intervenção ainda são escassos.

Os programas de intervenção desenvolvidos na Europa, envolvem características que operam nos níveis individual, social e comunidade escolar, a saber:

Por Smith (1997) na Inglaterra, o Projeto Sheffield - desenvolvimento de políticas abrangentes para detectar e diminuir a vitimização, mudança curricular para aumentar a conscientização sobre o problema, o trabalho individual, rastreamento e monitoramento, tanto da vítima e do agressor, a modificação dos espaços físicos de risco e monitoramento contínuo níveis de vitimização na escola.

Por Pereira (2008) em Portugal – sensibilização/formação de toda a comunidade escolar; melhoramento e diversificação dos espaços de recreio (exteriores e interiores – dinamização/supervisão) e atendimento e treino de alunos.

Por Ortega (1997) na Espanha, o Projeto Sevilha – formação do professor, atividades direcionadas aos alunos em risco: círculos de qualidade, o desempenho dos programas de mediação de conflitos e desenvolvimento de amizade e apoio dos pares.

A avaliação destes programas de intervenção baseados na escola tem demonstrado potencialidade na implementação de políticas anti bullying e na redução do comportamento agressivo e vitimação. Os benefícios dos programas anti bullying relativos a melhora do clima em sala de aula e o desempenho escolar podem ser constatados pelos atuais resultados de revisões sistemáticas (Farrington & Tfofi 2009).

Segundo Martins (2005, p. 403) O fato do bullying ser um fenómeno grupal, sugere que os programas de prevenção da violência escolar devem dirigir-se mais aos grupos, escolas e turmas, do que aos indivíduos; e o facto de se manifestar sob diferentes formas – físico, verbal e indireto – sugere que as estratégias de intervenção ou prevenção deverão levar em consideração o tipo de *bullying* que pretendam prevenir ou erradicar.

Diante do exposto e partindo da lógica de fortalecimento da escola enquanto lócus, não só de aprendizagem formal, mas de proteção e de formação cidadã, além dos desafios na elaboração de um programa de intervenção que envolva toda a comunidade educativa e parceiros institucionais, os autores propoem a seguinte questão de pesquisa: o desenvolvimento e implementação de um programa de intervenção, de modo intersectorial e subsidiado por estratégias educativas problematizadoras poderá favorecer o empoderamento das crianças e demais atores na redução do *bullying* escolar?

A possibilidade de envolver as crianças em temas de interesse para sua vida, inclusive no contexto escolar, numa proposta participativa de acção colectiva representa uma inovação no campo dos estudos de intervenção. Estudos têm se debruçado neste modelo de participação-acção para desenvolver programas de prevenção do *bullying* (Costa, Fernandes & Pereira, 2013) o que poderá trazer efeitos positivos na capacidade do programa em melhorar os níveis de *bullying* escolar, dada a importância da dimensão comportamental e interpessoal, no desenvolvimento do fenómeno.

Objectivos

- Verificar os níveis de comportamento de *bullying*;
- Avaliar os impactos de um programa de intervenção na redução da agressividade e vitimização no contexto escolar.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo de intervenção, em que numa primeira fase foi determinada a ocorrência e os níveis do bullying entre os estudantes do 1º e 2º ciclos, com a recolha de dados realizada no ano de 2013. Para tanto, foi utilizada uma versão do questionário de Olweus (1989) adaptado à língua portuguesa por Pereira e Tómas (1994 cit. em Pereira, 2008) e revisto por Pereira e Melin (2010). O diagnóstico inicial da situação, permitiu-nos, numa segunda fase, planificar e implementar um programa adequado à realidade da escola, cujos resultados avaliamos posteriormente numa terceira fase de recolha de dados em 2014. O ULSNE e o agrupamento de Escolas Dr. Ramiro Salgado de Torre de Moncorvo, solicitaram por preocupação expressa pelos docentes e profissionais que atuam com as crianças diante da constatação de comportamentos agressivos dos alunos, e a possibilidade de uma parceria ampla no desenvolvimento de estratégias de prevenção entre a equipe de saúde escolar, a gestão escolar e a Comissão Nacional de Proteção das Crianças e Jovens em Risco (CPJC).

Para o planeamento do programa de intervenção teve-se a preocupação de avaliar o contexto escolar e garantir o envolvimento de toda a comunidade educativa que é constituída por alunos, professores, funcionários, pais e outros elementos da comunidade local. Assim, com este Programa pretendeu-se: 1) Determinar a distribuição do comportamento de bullying no agrupamento escolar em causa, 2) Promover uma ação intersetorial com a equipa de saúde, educação e instituições de proteção à criança para o desenvolvimento de um programa de intervenção na escola com o objetivo de prevenir e reduzir práticas agressivas entre pares; 3) avaliar os impactos do programa de intervenção sobre o bullying escolar.

A segunda recolha dos dados, utilizando o mesmo questionário, foi realizada no ano de 2014. Por fim, recorreu-se ao software *Statistical Package for Social Sciences* – SPSS versão 22 para o tratamento estatístico descritivo das variáveis do bullying (agressores, vítimas, vítima-agressor, observador).

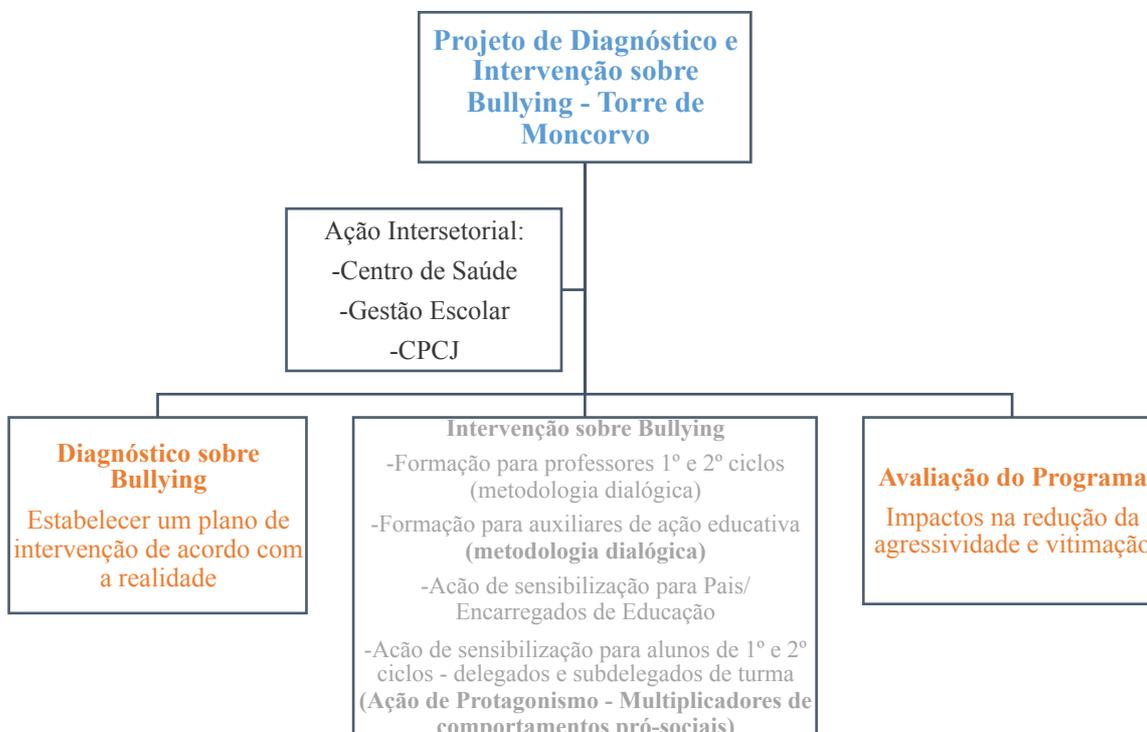


Ilustração 1 Componentes do Programa de Intervenção. Elaborado pelos autores do estudo, 2013.

Resultados e Discussão

Caracterização da Amostra

Durante a primeira fase da pesquisa realizada em 2013, a recolha dos dados foi constituída por uma amostra de 199 alunos, 92 (46,2%) do género masculino e 107 (53,8%) do género feminino que se distribuem pelos seguintes anos letivos, 2º ano (18,1%), 3º ano (19,6%), 4º ano (22,6%), 5º ano (20,6%) e 6º ano (19,1%) de escolaridade com idades compreendidas entre os 7 e 13 anos, sendo a média de idades $9,59 \pm 1,62$. Na 2ª recolha, realizada em 2014 foram estudados 208 alunos, 94 (45,2%) do género masculino e 114 (54,8%) do género feminino que frequentam do 2º ao 6º ano de escolaridade com idades compreendidas entre os 7 e 14 anos, sendo a média de idades $9,88 \pm 1,67$.

Contributos para a compreensão do fenómeno do *bullying* pré e pós-intervenção

Quanto à questão “Desde que este período começou quantas vezes te fizeram mal?” (tabela 1) verificamos um aumento, mesmo que ligeiro, da percentagem de resposta “nenhuma vez” assim como um decréscimo da percentagem da resposta “1 ou 2 vezes”.

Desde que este período começou quantas vezes te fizeram mal?	Pré-Intervenção (N=199)		Pós-Intervenção (N=207)	
	N	%	N	%
Nenhuma vez	124	62,3	136	65,7
1 ou 2 vezes	51	25,6	34	16,4
3 ou 4 vezes	7	3,5	13	6,3
5 ou mais vezes	17	8,5	24	11,6

Tabela 1 – variável vitimação

Desta forma acreditamos que o programa de intervenção realizado no agrupamento de escolas no ano letivo 2013-2014 pode de facto ter surtido efeito na medida em que os casos mais ligeiros de vitimação, aqueles que são passíveis de ser solucionados pela escola diminuíram após a intervenção.

Quanto à questão “Desde que este período começou quantas vezes fizeste mal a outros meninos ou meninas, na escola?” (tabela 2) constatamos um ligeiro aumento da percentagem da resposta “Nenhuma vez” assim como um ligeiro decréscimo da percentagem das opções “1 ou 2 vezes e 3 ou 4 vezes” como tal, como foi dito anteriormente consideramos que quanto às situações ligeiras de agressão o programa de intervenção pode ter produzido efeito positivo. Além disso, foi verificado que as diferentes formas de agressão (bater, xingar, espalhar rumores, tirar coisas) utilizadas pelas crianças também sofreram decréscimos após intervenção, demonstrando, mais uma vez que, é possível na escola, atuar nas formas mais ligeiras de agressão com sucesso.

Desde que este período começou quantas vezes fizeste mal a outros meninos ou meninas, na escola?	Pré-Intervenção (N=199)		Pós-Intervenção (N=207)	
	N	%	N	%
Nenhuma vez	132	69,1	147	72,8
1 ou 2 vezes	48	25,1	46	22,8
3 ou 4 vezes	7	3,7	4	2,0
5 ou mais vezes	4	2,1	5	2,5

Tabela 2 – variável agressão

Em programa de intervenção desenvolvido por Macedo e colaboradores (2014) revelou uma diminuição do número de estudantes que nunca revelaram ter práticas de agressividade nos últimos dois meses. Os autores justificam este facto decorrente das oficinas de formação direcionadas aos estudantes, que agora poderão estar mais atentos e sensibilizados para o fenómeno e reconhecerem mais facilmente as práticas de agressividade.

No estudo de Mendes (2011) foi verificado após a intervenção antibullying uma redução significativa das atitudes do tipo *não fazer nada*, perante alguém que está a ser vítima de agressão na escola e um aumento significativo dos alunos que nestas circunstâncias *chamam de imediato um adulto*, no sentido de parar a agressão. Revelando que os programas que buscam o treino de competências sociais visam tornar as crianças capazes de decidirem e optarem pela melhor atitude face a uma situação de tensão, ou seja, empoderá-las para que passem a ter ferramentas de enfrentamento nas situações de *bullying* entre os pares.

A tabela 3 surge com o objetivo de melhor compreender a relação entre a vítima e o agressor. As variáveis "Agressor" e "Vítima" são constituídas pelas formas mais e menos graves de vitimização / agressão (de 1 a 2 vezes a 5 ou mais vezes). Desta forma verificamos após intervenção um aumento considerável da percentagem de alunos que referem "não participar" (50,3% - 55,7%) ou seja não são vítimas nem agressores.

Relativo ao papel das testemunhas/observadores nas situações de *bullying*, é importante destacar o envolvimento deste grupo nos programas de intervenção, visto que as pesquisas tem evidenciado uma prevalência importante destes nos personagens no contexto escolar, além de que a maioria não aprova os atos de *bullying* (Lopes Neto, 2005). Portanto, o investimento de atividades educativas que os elegam como mediadores de comportamentos pró-sociais, poderá interromper o ciclo do *bullying* e favorecer um ambiente de apoio às vítimas.

Papéis de participação no <i>bullying</i> escolar	Pré-intervenção (n=199)		Pós-intervenção (n=201)	
	n	%	n	%
Não participa	96	50,3	112	55,7
Vítima	36	18,8	35	17,4
Agressor	22	11,5	20	10,0
Vítima-agressora	37	19,4	34	16,9

Tabela 3 – *Bullying* (vítima/agressão) na escola

No que se refere aos alunos não envolvidos em situações de *bullying*, registou-se um aumento após a intervenção. Quanto às vítimas e aos agressores verificou-se também um decréscimo, ainda que ligeiro após a intervenção (18,8% - 17,4% e 11,5% - 10,0% respetivamente). Também no papel de vítima/agressor verificamos um decréscimo da percentagem de alunos de 19,4% para 16,9% após a intervenção no entanto a eficácia da intervenção foi limitada.

Os casos menos graves de vitimação e agressão são aqueles que são passíveis de ser solucionados pela escola e por isso nesse campo o programa de intervenção teve um efeito positivo, os casos mais graves envolvendo, principalmente, as crianças vitimas/agressoras, que ainda se mantiveram após a intervenção, são situações muito específicas de um determinado grupo de alunos, e que podem revelar indicadores de saúde mental como fator de risco para o comportamento agressivo. Dessa forma, é primordial que a comunidade escolar possa ampliar a oferta dos Programas de intervenção, de modo a estabelecer parcerias com outras instituições, como os serviços de saúde, na tentativa de garantir atendimento integral por uma equipa multidisciplinar e interprofissional as crianças identificadas como sendo de risco.

Relativamente à questão “Quem te fez mal?” (tabela 4) verifica-se mais uma vez um acréscimo da percentagem de resposta “Nenhum menino ou menina se meteu comigo” (49,2% - 63,6%). Em todas as outras opções de resposta há uma diminuição da percentagem de resposta à exceção “uma rapariga” que apesar do aumento não ser expressivo pode indicar uma tendência para o aumento da participação por parte do género feminino em situações de agressão. Há, todavia que destacar, antes e após intervenção, a participação masculina em situações de agressão que se mantém mais elevada do que a participação feminina como tal, é necessário que a comunidade escolar esteja alerta para estas evidências, de modo a conseguir com maior eficiência prevenir situações de *bullying*.

Quem te fez mal?	Pré-intervenção (N=179)		Pós-intervenção (N=206)	
	N	%	N	%
Nenhum menino ou menina se meteu comigo	88	49,2	131	63,6
Um rapaz	29	16,2	27	13,1
Uma rapariga	5	2,8	7	3,4
Vários rapazes	24	13,4	16	7,8
Várias raparigas	11	6,1	9	4,4
Rapazes e raparigas	22	12,3	16	7,8

Tabela 4 - Género e nº de agressores

A questão “Quantas vezes os professores tentaram parar os meninos ou as meninas que fizeram mal a outros?” (tabela 5), representa a nossa grande preocupação na medida em que: os alunos referem após a intervenção uma grande diminuição da opção de resposta “muitas vezes” a (40,8% - 23,9%), um aumento da opção de resposta “às vezes” (11,3% - 30,3%) e ainda um aumento, mesmo que ligeiro, da opção de resposta “quase nunca” (4,5% - 8,5%) na intervenção do professor em situações de *bullying*.

Quantas vezes os professores tentaram parar os meninos ou as meninas que fizeram mal a outros?	Pré-intervenção (N=179)		Pós-intervenção (N=201)	
	N	%	N	%
Não sei	78	43,6	75	37,3
Quase nunca	8	4,5	17	8,5
Às vezes	20	11,3	61	30,3
Muitas vezes	73	40,8	48	23,9

Tabela 5 - Intervenção dos professores em situações de *bullying*

Tais resultados poderão evidenciar uma maior atenção por parte dos alunos para as situações de *bullying* após a intervenção e por isso a sua perceção ter alterado antes e depois da intervenção. Isso demonstra que, inicialmente, os programas de intervenção aumentam perceção e a capacidade dos indivíduos envolvidos no *bullying* reconhecerem a presença do fenómeno.

É essencial a intervenção quer do professor quer do funcionário, visto serem ambos agentes muito ativos na vida das crianças dentro da comunidade escolar. Estes mantêm uma relação de proximidade com os alunos e por isso ser-lhes-á mais simples identificar situações de agressão e/ou vitimação dentro e fora da sala de aula. Desse modo, professores, funcionários e demais educadores bem capacitados para lidar com as situações de *bullying*, podem garantir que a perpetuação do fenómeno seja quebrada e o estímulo de comportamentos pró-sociais seja intensificado e resgatado no processo de aprendizagem e convívio entre pares.

Conclusão

Com este estudo foi possível perceber que é possível a elaboração de um programa de intervenção baseado na escola e que envolva toda a comunidade escolar. Os resultados apresentados na etapa pós-intervenção, permitiu-nos evidenciar que a curto prazo, a redução do comportamento agressivo e da vitimação foi satisfatória. No entanto, ressaltamos a necessidade da escola, amplificar o programa de intervenção numa perspectiva de obter resultados também a longo prazo, bem como ter a capacidade de monitorar os fatores desencadeadores e protetores do *bullying*. E neste caso, que envolva um trabalho permanente de formação docente, sensibilização dos pais com reuniões periódicas, estratégias individuais que possam trabalhar com as crianças de risco e encaminhamentos de crianças para alguma especialidade.

Pensamos que foi realizado um bom trabalho de sensibilização para a problemática e as crianças ficaram mais capazes de lidar com o problema ou ajudar outras crianças a enfrentar as situações. Nesse sentido traçamos algumas recomendações para o aproveitamento dos Programas de intervenção na prevenção do *bullying*:

Intensificar o papel dos recreios e atividades de lazer e desporto, ressignificando o ambiente escolar enquanto locus de formação cidadã e desenvolvimento saudável;

Fortalecer parcerias com outras instituições, como serviços de saúde, áreas do lazer e cultura, formação artística, bem como o núcleo familiar possibilitando o atendimento das demandas da criança em seu pleno desenvolvimento, inclusive em situações críticas e de vulnerabilidade a exemplo do *bullying*.

Garantir que a política *anti bullying* faça parte do projeto educativo da escola, que para além da formatação curricular, preocupa-se com a qualidade de vida das crianças;

Abrir um diálogo para que os profissionais da saúde possam efetivamente contribuir com ações de promoção à saúde infantil e de apoio a prevenção do *bullying*.

Identificar os casos efectivamente problemáticos de crianças agressoras ou agressoras/vítimas (normalmente identificados pelos professores e funcionários) e encaminhá-los para acompanhamento da equipa de saúde escolar e encaminhamento para o médico de família para posterior acompanhamento por psicólogo ou pedopsiquiatra.

Diagnosticar os casos de crianças vítimas pela observação, questionamento, “caixa de preocupações e sugestões” e encaminhar estas crianças para acompanhamento da equipa de saúde escolar e encaminhamento para o médico de família para posterior acompanhamento por psicólogo ou pedopsiquiatra.

Se a totalidade das crianças beneficiou do programa de intervenção implementado, os observadores aprendem a ser mais assertivos e desenvolvem o sentido de justiça, aprendem a defender os seus direitos democráticos e dos outros colegas, as vítimas aprendem que muitas outras crianças estão em sofrimento e que a culpa não é delas, mas de quem as está a maltratar no dia a dia, para os agressores, é-lhe dada a oportunidade de se colocarem no lugar do outro e, assim, perceberem o mal que estão a causar a alguns colegas e as vítimas provocadoras vão ser mais vezes confrontadas com as situações de mediação pelos pares.

Referências

- Berger, K. S. (2007). *Update on bullying at school: Science forgotten?* *Developmental Review*, 27, 90-126.
- Costa, P., Fernandes, N., & Pereira, M. (2013). Crianças investigadoras? Cenários de participação ativa na educação básica. *Conjectura: Filos. Educ.*, 18, 174-192.
- Farrington, D. P., & Ttofi, M. M. (2009) *School-Based Programs to Reduce Bullying and Victimization*. Campbell Systematic Reviews.
- Limber, S. P. (2011). Development, Evaluation, and Future Directions of the Olweus Bullying Prevention Program. *Journal of School Violence*, 10, 71-87.
- Lourenço, L. M., Pereira, B., Paiva, D. P., & Gebara, C. (2009). A gestão educacional e o bullying: um estudo em escolas portuguesas. *Interações*, 13, 208-228.
- Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5Suppl.), 164-172.
- Macedo, E., Martins, F., Cainé, J., Macedo, J., & Novais, R. (2014). Bullying escolar e avaliação de um programa de intervenção. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, spe1, 15-20.
- Martins, J. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise Psicológica*, 4(XXIII), 401-425.
- Mendes, C. S. (2011). Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(3), 581-588.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school. What we Know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Olweus, D., Limber, S., & Mihalic, S. (1999). *The Bullying Prevention Program. Blueprints for Violence Prevention*. Boulder, CO: Center for the Study and Prevention of Violence.
- Olweus, D. (2005). A useful evaluation design, and effects of the Olweus Bullying Prevention Program. *Psychology, Crime & Law*, 11, 389-402.
- Olweus, D., & Limber, S. P. (2010). Bullying in School: Evaluation and Dissemination of the Olweus Bullying Prevention Program. *American Journal of Orthopsychiatry*, 80,124-134.
- Ortega, R. (1997). El proyecto Sevilla anti-violencia escolar. Un modelo de intervención preventiva contra los malos tratos entre iguales. *Revista de Educación*, 313, 143-158.
- Pereira, B. O. (2001). A violência na escola – formas de prevenção. In: B. Pereira, A. P. Pinto (eds), *A escola e a criança em risco – intervir para prevenir*, Edições Asa, 17-30.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. 2ª. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Ttofi, M. M., Farrington, D. P., Lösel F., & Loeber, R. (2011). Do the victims of school bullies tend to become depressed later in life? A systematic review and meta-analysis of longitudinal studies. *J Aggress Confl Peace Res*, 2011, 3(2), 63-73.
- Serrate, R. (2009). *Lidar com o bullying na escola – Guia para entender, prevenir e tratar o fenómeno da violência entre pares*. Sintra: K Editora.
- Smith, P., & Sharp, S. (1994). *School bullying: Insights and perspectives*. London: Routledge.
- Smith, P.K. (1997). Bullying in schools: The UK experience and the Sheffield anti-bullying project. In: O`moore, A., Brown, K., & Mcguinness, C. (Eds.), *Bullying behaviour in school`s*. *The Irish Journal of Psychology*, 18, 191-201.